



A revolução da “comunidade natural-espontânea” no conto “Coisas”, de José Saramago*

The “natural-spontaneous community” in the story “Coisas”, by José Saramago

Dossiê: a literatura e os fins do capitalismo

Daniel Vecchio**

ORCID: 0000-0003-1696-8369

E-mail:
danielvecchioalves@hotmail.com

Recebido: 31/05/2024

Aprovado: 16/09/2024

Resumo:

Neste trabalho, nos ocuparemos dos processos de mutação social representados na parte final do conto “Coisas”, de José Saramago, cujas cenas conclusivas apresentam uma inevitável lição humanista de revolução e reconstrução, proclamando a urgência de reconstruir tudo, ou seja, de “formar as circunstâncias humanamente”, como propõe a epígrafe de Marx e Engels em *Objecto quase* (1978). Por fim, para caracterizar tais circunstâncias transformadoras, veremos como Saramago usufruiu da noção de “comunidade natural-espontânea”, de Karl Marx, para enquadrar seus personagens fora da circulação de mercadorias, distantes de cenários ultra tecnológicos e centralizadores.

Palavras-chave:

Coisificação; revolução; literatura saramaguiana; Karl Marx.

Abstract:

In this work, we will focus on the processes of social mutation represented in the final part of the story “Things” by José Saramago, whose concluding scenes present an inevitable humanist lesson of revolution and reconstruction, proclaiming the urgency of rebuilding everything, that is, of “forming the circumstances humanly”, as proposed by Marx and Engels’ epigraph in *Objecto quase* (1978). Finally, to characterize such transformative circumstances, we will see how Saramago took advantage of Karl Marx’s notion of “natural-spontaneous community” to place his characters outside the circulation of goods, far from ultra-technological and centralizing scenarios.

Keywords:

Reification; revolution; Saramago’s literature; Karl Marx.

*Este estudo é fruto das discussões e dos estudos efetuados nos encontros do Grupo de Pesquisa Saramago leitor de Marx (PUC-MG/CNPq), a cujos integrantes eu agradeço imensamente e dedico este artigo.

**Daniel Vecchio Alves possui formação interdisciplinar nas Ciências Humanas: é Doutor em História pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), onde foi pesquisador do CNPq. É Mestre em Estudos Literários e Licenciado em História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV), onde foi pesquisador da CAPES. Possui também formação na área educacional, com especialização em Docência no Ensino Superior pelo Senac-SP e mestrado em Educação e Tecnologias Digitais pela Universidade de Lisboa (ULISBOA). Atualmente, é pesquisador de Pós-Doutorado em Letras Vernáculas - Estudos Literários pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com bolsa da FAPERJ / Pós-Doutorado Nota 10.

Introdução

Quatro anos depois da Revolução dos Cravos, José Saramago reflete, por meio de sua literatura, sobre o curso das recentes transformações sociopolíticas pelas quais passava Portugal, perpassando por sucessivos conflitos revolucionários. Nessa linha surge “Coisas”, texto ficcional que integra a coletânea de contos intitulada *Objecto quase* (1978) e que inicia esse complexo laboratório de revoluções que se tornará a literatura saramaguiana.

Com os pés e a cabeça voltados para a Revolução dos Cravos e seus acontecimentos subsequentes, José Saramago começa a encadear sucessivos projetos literários como essa mencionada coletânea. Na verdade, Saramago escreveu diversos contos ao longo da década de 1940 e 50, muitos dos quais foram publicados em jornais e revistas¹. Foi na década de 1970 que Saramago regressou à produção contista com a publicação, na *Colóquio/Letras* de julho de 1972, uma narrativa intitulada “Calor”, conto que se remete às memórias da sua adolescência na Azinhaga (VIEIRA, 2018). Mas, foi assim que terminou a escrita do romance *Manual de Pintura e Caligrafia* (1977) que o escritor se pôs a redigir textos para organizar a primeira reunião de contos:²

A 27 de setembro de 1976 iniciou a produção de “Coisas”, o primeiro dos contos pensados para esse volume. A 9 de novembro arrancou com “Cadeira”, que terminou cinco dias mais tarde. E a 21 do mesmo mês, “Centauro”, finalizado a 5 de dezembro, deixando passar seis dias para começar a escrever “Refluxo”, que interrompe para recomençar apenas a 6 de julho de 1977, terminando-o um dia mais tarde (VIEIRA, 2018, p. 358-359).

Além dos quatro textos preparados pouco antes, Saramago acabou por também acrescentar à coletânea seu conto de 1973, “O embargo” (que virou apenas “Embargo”) e o conto de 1972 intitulado ‘Calor’, que trocou pelo título “Desforra”. Ao nos depararmos com o título da coletânea que reúne tais contos, temos em pauta um “Objecto” acompanhado pelo acréscimo do termo “quase”, que o livra do perigo da coisificação.³ Considerado esse risco, cabe perguntar quem ou o que é esse *Objecto quase*

¹ Em meios de comunicação como o *Diário Popular*, *Diário de Lisboa*, *Vértice*, *Seara Nova*, entre outros, Saramago publica os contos “Os Beneditos Senhores” e “Morte de Homem”, ambos de 1950. Em 1951, o escritor publica um farto número de contos, a saber o conto “Cheia”, “História de Crimes”, “Sonegação de Espólio”, “A Dívida ainda Não Foi Paga”, “Ladrão de Milho”, “João Violão”, “O Sr. Cristo”, “Parábola”, “Natal”, “Encontro”, “O Mentiroso”, “Longa É a Estrada”, “A Eminente Dignidade” e “Doença Súbita e Mortal”. Há ainda os contos publicados em 1953, como o conto “Teratologia”, “Bandeira Negra”, “Coleções” e “O Heroísmo Quotidiano”. Sobra ainda o conto “A História do Senhor Manuel Pedro”, sem ano de produção mencionado (cf. AGUILERA, 2008, p. 43).

² Tal coletânea começa mesmo quando José Saramago foi convidado, em 1973, para escrever a tradicional oferta de Natal a distribuir pelos Estúdios Cor, optando por um conto urbano e contemporâneo intitulado *O Embargo*, que aludia aos efeitos da crise petrolífera mundial ocorrida nesse ano em consequência da guerra do Yom Kippur, no Médio-Oriente, entre Israel e países árabes vizinhos. Portanto, com exceção do conto *O embargo*, escrito anos antes, todos os demais contos foram escritos em 1976 e 1977 para serem publicados nessa coletânea em 1978 pela Moraes Editores.

³ “A ‘reificação’, conceito muito importante para os estudos marxianos, pode ser definida de maneira simples como a visão que transforma o indivíduo em mercadoria. Segundo essa perspectiva, o trabalhador sofre um processo de “coisificação”, passando a ser considerado como um objeto, uma coisa parte da produção. Essa ação sistêmica é reflexo da concepção capitalista de que tudo no mundo moderno se tornou mercadoria: qualidades técnicas, valores, status e sentimentos são agora produtos comercializáveis” (SIQUEIRA, 2018, p. 117-118).

que o autor sugere retirar da sua reificação? Para Francisco Maciel Silveira, “[...], esse Objecto quase, salvo da coisificação, é o próprio ser humano” (SILVEIRA, 2012, p. 81), fazendo desse o tema central das narrativas reunidas na coletânea ao circundar o perigo que ameaça o ser humano de reificar-se perante as desumanas circunstâncias geradas pelo sistema capitalista em que vivemos.

Nessa trilha aberta pelo conto “O embargo”, Saramago desenvolve uma parábola visando mostrar a submissão dos seres humanos às máquinas modernas. No mencionado conto, o homem é representado como escravo do automóvel, não podendo dele sair um segundo sequer. Para elaborar tal parábola, Saramago não hesita em retomar o registo onírico ou fantástico baseado na construção alegórica de uma insólita realidade, estratégia que o autor repete em “Centauro”, “Coisas” e “Refluxo”, contos em que sempre acaba por surgir uma geração mais espontânea a mudar o estado reificado das coisas: “A intervenção do fantástico na minha obra não é feita de caso pensado. Se aparece, admito-o, não lhe resisto, acredito que tem uma função. Mas também não o cultivo como processo literário alternativo, como receita ou muleta. [...]. O real é demasiado inquietante para ser manipulado em tabuadas elementares ou sequer em tábuas de algoritmos” (SARAMAGO *apud* CARVALHO, 1978, p. 10).

É preciso ressaltar que tal estratégia narrativa “cultural e social, dos processos do fantástico sofre aqui um tratamento que se tingem no quotidiano concreto, um pouco à maneira de Kafka e do seu processo de racionalização dos degraus do absurdo que só a totalidade do sentido vem fazer desabar sobre a narração [...]” (SEIXO, 1979, p. 79). Para a efetivação desse processo de racionalização sobre o absurdo, Saramago assenta a coletânea de contos sob a mencionada epígrafe de *Objecto quase*, que se trata de um trecho retirado de *A Sagrada Família* (1844), de Karl Marx e Friedrich Engels: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, é necessário formar as circunstâncias humanamente” (SARAMAGO, 1994, p. 7). A frase, muito bem escolhida por Saramago para servir de eixo de interpretação do volume, significa que a teoria marxista luta contra a coisificação e contra a tese determinista como convencionalmente é acusada de sustentar, visto que em sua perspectiva não basta dar sentido ao homem a partir de suas determinações, mas é também necessário “formar as circunstâncias humanamente”, ou seja, atuar na reconstrução dos acontecimentos e nas distintas formas de relação humana.

A propósito dessa epígrafe, Saramago comenta em *Cadernos de Lanzarote*, no dia 15 de janeiro de 1995, que “*Objecto quase*, [...], ficaria perfeito se só contivesse a página que leva a citação de Marx e Engels. Lamentavelmente, a crítica salta por cima dessas excelências e vai aplicar suas lupas e os seus escalpelos ao menos merecedor que vem depois” (SARAMAGO, 1997, p. 458). Tal epígrafe de Marx e Engels não só permeia as estruturas de todos os contos da coletânea, como ecoa explicitamente por todas as suas

Os respectivos desfechos apresentados pelos contos de *Objecto quase* se amparam claramente na segunda parte da epígrafe, revelando ao leitor passagens não apenas submetidas às determinações do capital, mas também desfechos em que tais determinações são afetadas por transformações diversas na sociedade. Em nossa hipótese de análise, há no desfecho transformativo de cada conto, portanto, o direcionamento daquilo que Marx e Engels nos deram a entender metodologicamente por mudanças de ciclos de aparência / essência de uma dada circunstância ou objeto que é preciso “formar humanamente”. Em palestra realizada na Universidade de Turim em maio de 1998 e depois transcrita em ensaio intitulado *Da estátua à pedra*, José Saramago traduz esse ciclo procedimental pelos campos semânticos da ‘estátua’ (aparência) e da ‘pedra’ (essência) para se orientar ou mesmo se fundamentar em uma aproximação com o pensamento de Karl Marx e defender “a exposição do método marxista do materialismo histórico como instrumento estético saramaguiano” (SILVA, 2022, p. 20).

No entanto, se levarmos ao pé da letra a afirmação que o autor faz em tal palestra, ao dizer que “A partir de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, [...] houve uma mudança importante no meu ofício de escrever. [...] como se desde o *Manual de pintura e caligrafia* até *O Evangelho segundo Jesus Cristo*, durante catorze anos, me tivesse dedicado a descrever uma estátua” (SARAMAGO, 2013, p. 42), não conseguiremos apurar o movimento integral da estátua à pedra que ocorre em cada conto de *Objecto quase*, publicada há mais de uma década antes de *O Evangelho*.

As aproximações entre Saramago e o pensamento marxista em *Objecto quase* (1978) e fortalecem mais ainda pela disposição dos próprios títulos dos contos que se dá em perspectiva teleológica ao se remeterem a substantivos concretos (“Coisas”, “Cadeira”, “Centauro”) e abstratos (“Embargo”, “Refluxo”, “Desforra”), remetendo-se às transposições dos ciclos filosóficos. Nesse sentido, segundo Francisco Maciel Silveira, “Estamos, pois, no âmbito do ser, da coisa, da substância própria, existindo per si, ou abstratos serão, se existirem, enquanto ação, estado ou qualidade, em função de outra coisa, ser ou substância” (SILVEIRA, 2012, p. 82), o que reforça, em nossa leitura, o movimento de aparência / essência exposto desde a epígrafe da coletânea de contos, de modo a compreender o movimento entre as circunstâncias e suas humanas transformações.

O paraíso artificial de “Coisas”

Na visão de Karl Marx, a revolução proletária só ocorreria em países plenamente

ndustrializados, cujo desenvolvimento do capitalismo consolidaria uma bem definida bipolaridade entre o proletariado e a burguesia e onde uma revolução acabaria por implantar o socialismo. Logo, nos lugares onde o capitalismo não era desenvolvido, não seria possível essa revolução. Tomando para si tais fundamentos estruturais apresentados, Saramago elabora a sua coletânea de contos em cenários cada vez mais ultratecnológicos, colocando as “Coisas” em evidência⁴. Trata-se, esse conto de abertura, de uma fábula sociopolítica que se passa em um “país excelentemente administrado, as funções bem repartidas, o governo capaz e com grande experiência de transformação industrial” (SARAMAGO, 1994, p. 76).

Tal caracterização do cenário reverbera em muitas partes do conto, em que o narrador nos descreve um “pseudoparaíso tecnológico, em que tudo parecia funcionar à perfeição, [...]” (SARAMAGO, 1994, p. 82). No entanto, nesse espaço social hierarquicamente organizado pelo poder econômico e industrial, não nos parece que Saramago está a convocar o seu país de origem, como já foi afirmado em alguns estudos como Siqueira (2018) ou Papke e Silva (2022). Para o historiador Kenneth Maxwell (2006, p. 36),

Salazar sempre demonstrou extrema aversão pela mudança. O confinamento de Portugal a padrões econômicos e sociais tradicionais foi deliberado. Arcaico, isolado e puritano, rejeitando a industrialização por considerá-la um arauto de conflitos de classe e problemas trabalhistas, glorificando uma tradição folclórica e camponesa depurada, o Portugal salazarista estava firmemente escorado contra o século XX.

Portugal em 1978, por mais corporativo que tenha sido nas décadas de Estado Novo, ainda era o mesmo país rural, não industrializado e antigo importador em demasia. Desse modo, nos parece que, para ambientar o conto, Saramago toma mais como modelo países capitalistas que chegaram a certo ápice econômico, a uma aparente perfeição administrativa, países, portanto, que vêm se impondo política e economicamente desde os primeiros cenários capitalistas da modernidade, como Inglaterra e Estados Unidos. Nesse “modelar” espaço social, onde “as ruas coalhavam-se de gente e em certos lugares chegava a ser quase impossível transitar” (SARAMAGO, 1994, p. 87), vive uma sociedade hierarquicamente organizada pela tecnologia e pelo poder econômico, marcada pela rígida divisão em castas.

A população compõe-se, no geral, de “cidadãos utentes”, ou seja, cidadãos cuja função social reside no uso e consumo de mercadorias e produtos postos à disposição por um “serviço de requisições especiais (sre)” (SARAMAGO, 1994, p. 74). Na palma da mão direita, referente da própria direção ideológica do governo, os “cidadãos utentes” trazem, tatuadas em verde, algumas letras de A e Z, que identificam a sua precedência so-

⁴Para Marx, “A mercadoria é, antes de tudo, um objeto externo, uma coisa que, por meio de suas propriedades, satisfaz necessidades humanas de um tipo qualquer” (MARX, 2013, p. 97, grifo nosso).

cioeconômica: “A precedência C significaria, pelo menos, funções de muito maior responsabilidade no serviço de requisições (sr), significaria, quem sabe, transferência para um sector mais próximo do governo central (gc). Abriu a mão, viu o seu H, imaginou um C no lugar dele, saboreou a visão do enxerto de nova pele que lhe fariam” (SARAMAGO, 1994, p. 79-80).

Nesse quadro social hierárquico, “[...], as precedências A e B ocupam a cabeça do governo central (gc). Já a precedência C põe-se como uma ambição possível dos comuns ‘cidadãos utentes’” (SILVEIRA, 2012, p. 82-83), espécie de classe intermediária. Diante dessas relações coisificadas, ficam explícitas as motivações que Saramago encontrou no pensamento de Karl Marx, visto que, apesar da variedade de letras e grupos classificativos, tratava-se de um espaço reificado em que “[...], produtores e consumidores se confrontam apenas como vendedores e compradores. [...] sob a existência de uma classe que apenas compra, sem vender – portanto, que apenas consome, sem produzir. A existência de tal classe é ainda inexplicável no estágio [...] da circulação simples” (MARX, 2013, p. 177).

Desse modo, temos aqui a representação da intensa exploração exercida sobre os trabalhadores, a ponto de sustentar uma classe que “consome, sem produzir”, sendo a reificação o grande mal, tal qual a cegueira branca a ser representada anos depois em seu famoso romance de 1995. O conto levanta, portanto, características específicas do modo de funcionamento do Estado capitalista traçado por Marx, em que a circulação de mercadoria se torna complexa com a intervenção e circulação do dinheiro e a implantação do valor de troca na sociedade, um cenário cuidadosamente evocado por José Saramago no conto em análise, em que os cidadãos já não nos parece ser mais aqueles inseridos no estágio inicial da circulação de mercadorias: “[...] [isso] torna os possuidores de mercadorias dependentes uns dos outros, uma vez que nenhum deles tem em suas mãos o objeto de suas próprias necessidades, e que cada um tem em suas mãos o objeto da necessidade do outro” (MARX, 2013, p. 176).

Em “Coisas”, em função da rígida divisão de classes representada, a circulação de mercadorias de seu “pseudoparaíso tecnológico” parece resultar em muito mais do que o confronto entre produtores e consumidores de mercadorias, pois “Além dessa diferença material de seus valores de uso, existe mais uma diferença [...] a diferença entre sua forma natural e sua forma modificada, entre a mercadoria e o dinheiro” (MARX, 2013, p. 176). Situada, portanto, em um cenário ultra tecnológico e centralizador, controlado por grupos de vendedores e compradores bem definidos, Saramago apresenta ao leitor do conto um capitalismo radical onde “a forma-dinheiro é apenas o reflexo [...] das relações de todas as outras mercadorias” (MARX, 2013, p. 132).

Trata-se, portanto, de um genuíno cenário capitalista cuja forma “D-M-D (Dinheiro)” (MARX, 2013, p. 178) se mostra em seu ápice exploratório, lugar onde, sob o véu da

da aparência, “As circunstâncias libertam a cidade do material deficiente e o governo (g) fica a saber, [...], sem equívocos, o que deve remediar e como, de tudo isso tirar lições para o futuro” (SARAMAGO, 1994, p. 82). Nesse espaço de relações panópticas e fetichizadas, onde a simples troca do valor de uso dos produtos não rege mais o modo de produção e suas relações sociais, “A dificuldade não está em compreender que dinheiro é mercadoria, mas em descobrir como, por que e por quais meios a mercadoria é dinheiro” (MARX, 2013, p. 133).

Países periféricos e importadores como Portugal, forçados a permanecerem apenas na circulação simples de mercadorias (M-D-M)⁵, não se corresponderiam a essa máquina industrial representada no cenário de “Coisas”, onde “[...], o enigma do fetiche [...] se torna visível e ofusca a visão” (MARX, 2013, p. 134) dos utentes⁶. Por outro lado, o movimento “D-M-D” pode ser percebido no conto principalmente pela forma de equivalente universal que passa a representar qualquer mercadoria desse paraíso tecnológico de “Coisas”. Em reação a esse estado avançado do modo de produção capitalista, o fantástico é convocado ao conto no sentido de que as próprias mercadorias se revoltam ao encontrarem-se na forma de equivalente universal do dinheiro, pois, nesse estágio, “ela é excluída por todas as demais mercadorias na qualidade de equivalente [...]. Agora, o tipo específico de mercadoria, cuja forma natural, a forma de equivalente, fundida socialmente, torna-se mercadoria-dinheiro [*Geldware*] ou funciona como dinheiro” (MARX, 2013, p. 120).

Sendo assim, em “Coisas”, aparentemente, tudo parecia se manter em ordem, em um momento em que as coisas circulavam de forma simples, até que o “Ser equivalente universal torna-se, por meio do processo social, a função especificamente social da mercadoria excluída. E assim ela se torna – dinheiro” (MARX, 2013, p. 130). Portanto, ao atingir esse processo de exclusão, nos parece claro que o paraíso tecnológico do conto saramaguiano começa por representar insólita e ironicamente a revolta das próprias mercadorias (incluindo maquinários de grande porte a aparelhos domésticos), já que os seres humanos estão coisificados o suficiente para não perceberem esse quadro alienante imposto pela exploratória e degradante circulação de mercadorias e dinheiro.

Nesse ponto, cabe perguntar, como Maciel Silveira, sobre o modo em que se processa a gradativa humanização dos “oumis”, ou seja, desses objetos, utensílios, máquinas e instalações que acabam por se insurgir e determinar os novos acontecimentos da narrativa. Ocorre que, se o mundo da pós-revolução industrial já havia descaracteriza-

⁵Segundo Marx, “Na circulação simples de mercadorias, os dois extremos têm a mesma forma econômica. Ambos são mercadorias. Eles são, também, mercadorias de mesma grandeza de valor. Porém, são valores de uso qualitativamente diferentes, por exemplo cereal e roupa. A troca de produtos, a variação das matérias nas quais o trabalho social se apresenta é o que constitui, aqui, o conteúdo do movimento. Diferentemente do que ocorre na circulação D-M-D” (MARX, 2013, p. 170).

⁶Não foi por menos que Francisco Maciel Silveira leu o conto Coisas não como um conto, mas como um embrião do romance Ensaio sobre a cegueira e Ensaio sobre a lucidez: “Percebe-se que o relato de ‘Coisas’ não chega a ser, rigorosamente, um conto. Trata-se, na verdade, de um embrião de romance, tantas são as fissuras na edificação da fábula, a exigirem preenchimento” (SILVEIRA, 2012, p. 86).

do os valores de uso em prol dos valores de troca conforme a tese de Marx, transformando produtos e objetos em mercadorias, agora são as próprias mercadorias que se revoltam ao serem reduzidas ao dinheiro, sujeitadas à transformação da sua grandeza de valor, que passa a ser constituída por uma relação necessária com o trabalho social médio, em preço, ou seja, em equivalente universal:

Com a transformação da grandeza de valor em preço, essa relação necessária aparece como relação de troca entre uma mercadoria e a mercadoria-dinheiro existente fora dela. Nessa relação, porém, é igualmente possível que se expresse a grandeza de valor da mercadoria, como o mais ou o menos pelo qual ela é vendável sob dadas circunstâncias. A possibilidade de uma incongruência quantitativa entre preço e grandeza de valor, ou o desvio do preço em relação à grandeza de valor, reside, portanto, na própria forma preço. Isso não é nenhum defeito dessa forma, mas, ao contrário, aquilo que faz dela a forma adequada a um modo de produção em que a regra só se pode impor como a lei média do desregramento que se aplica cegamente. Mas a forma-preço permite não apenas a possibilidade de uma incongruência quantitativa entre grandeza de valor e preço, isto é, entre a grandeza de valor e sua própria expressão monetária, mas pode abrigar uma contradição qualitativa, de modo que o preço deixe absolutamente de ser expressão de valor, embora o dinheiro não seja mais do que a forma de valor das mercadorias (MARX, 2013, p. 140)

Nesse quadro de “incongruência quantitativa entre preço e grandeza de valor da mercadoria”, chegamos exatamente no ponto onde possivelmente Saramago usufruiu mais diretamente do pensamento de Marx para a elaboração do conflito final do conto “Coisas”. Nesse ponto, as “Coisas” deixam “absolutamente de ser expressão de valor”, deixam de sustentar sua “grandeza de valor”, o que faz as próprias mercadorias se revoltarem. Assim, os “oumis”, objetos quase humanos, se mostram mais sensíveis que os cidadãos utentes, estes que não enfrentaram, como as coisas, o sistema político-econômico imposto. Ao ser substituída pelo dinheiro, as máquinas se negaram a funcionar, conflito do qual derivam as diversas cenas em que as máquinas desobedecem os humanos, como veremos a partir do próximo tópico.

3. O fim da “reificação” e a revolução da “comunidade natural-espontânea”

A circulação de mercadorias organizada pelo “serviço de requisições especiais (ser)” (SARAMAGO, 1994) rompe as barreiras temporais, locais e coletivas da troca de produtos precisamente porque, como explica Marx, tal circulação “provoca uma cisão na identidade imediata aqui existente entre o dar em troca o próprio produto do trabalho e o receber em troca o produto do trabalho alheio, transformando essa identidade imediata aqui existente entre o dar em troca o próprio produto do trabalho e

o receber em troca o produto do trabalho alheio, transformando essa identidade na antítese entre compra e venda” (MARX, 2013, p. 148).

Assim, a forma natural das mercadorias deixa de ser uma forma de equivalente socialmente válida para ser equivalente universal, que Marx chamou de “a função especificamente social da mercadoria excluída. E assim ela se torna – dinheiro” (MARX, 2013, p. 130). Temos, assim, na antítese imanente à mercadoria, “entre valor de uso e valor de troca”, do “trabalho social” e “trabalho geral abstrato”, a representação da própria trajetória que vai da “personificação das coisas à coisificação das pessoas – essa contradição imanente adquire nas antíteses da metamorfose da mercadoria suas formas desenvolvidas de movimento” (MARX, 2013, p. 148).

Estabelecida a “função social da mercadoria excluída” no conto, os *oumis* reagem a essa exclusão, exercendo certa personificação das coisas. Saramago instala, desse modo, a crise no cérebro do paraíso tecnológico e fiscal para evidenciar a revolta dos “*oumis*” que, fugindo ao controle das autoridades e dos *utentes*, iniciam uma série de ataques e atentados. Como diz Marx, “Ao transformar o dinheiro em mercadorias, [...], ao incorporar força viva de trabalho à sua objetividade morta, o capitalista transforma o valor – o trabalho passado, objetivado, morto – em capital, em valor que se autovaloriza, um monstro vivo que se põe a ‘trabalhar’ como se seu corpo estivesse possuído de amor” (MARX, 2013, p. 200), ou seja, de vida. No conto, tais “Monstros vivos”

São portas que, ao fecharem-se automaticamente, ferem as mãos que julgam ter o domínio de fechá-las. São sofás que têm febres (em represália ao calor do corpo humano?) e são tratados por injeções subministradas de hora em hora, segundo o receituário do *sm*, ou seja, pelo serviço médico. São degraus que, (já não suportando o peso do tacão humano em seu sobe e desce social?), desaparecem, a exigir acrobacias circenses dos “cidadãos *utentes*”. São caixas de correio que, (rebeladas contra a incomunicabilidade humana?), somem num picar de olhos. São prédios que, num hausto vingativo, são sugados, assoalhando as ruas de cadáveres nus (despojados de suas vestes e bens, a todos iguala a morte?). A devastação inexorável e gradativa do espaço social urge medidas urgentes, drásticas, retaliativas contra o inimigo oculto e desconhecido: [...] (SILVEIRA, 2012, p. 83-84).

O curioso é que, enquanto “As pessoas interrogavam-se umas às outras ansiosamente, [...]. Mas os inimigos, onde estão os inimigos?” (SARAMAGO, 1994, p. 89), o governo (g) e o estado-maior-general das forças armadas (emgfa) não esclareceram (e nem mesmo o narrador) a razão por que o contra-ataque retaliativo terá por alvo o setor leste, o mais periférico da cidade:

Previnem-se todos os cidadãos *utentes* de que por ordem do estado-maior-general das forças armadas (emgfa) será bombardeado, a partir das sete horas da manhã, pelos meios da artilharia (a) e da aviação (a), o sector leste da cidade, como primeira medida de retaliação. [...]. O governo (g) e o estado-maior-general das forças armadas (amgfa) garantem aos cidadãos *utentes* que o plano elaborado de contra-ataque será levado às suas últimas consequências (SARAMAGO, 1994, p. 98).

Por que o setor leste foi imediatamente identificado como o inimigo responsável pelas insólitas catástrofes? Obviamente porque o setor leste conota os países comunistas do leste europeu, logo toda e qualquer insurreição contra o processo capitalista da reificação só poderia advir de algum lugar localizado a leste do espaço-símbolo do conto. Por conseguinte, não poderíamos deixar de assinalar que esse setor leste será concebido pela narrativa como um espaço misterioso de resistência e salvação onde, como em um bosque secreto, se refugiaram “homens e mulheres que ali se tinham escondido desde que a revolta começara, desde o primeiro oumi desaparecido” (SARAMAGO, 1994, p. 105).

Por isso, em “Coisas”, José Saramago nos oferece um final prenhe de humanismo. Mesmo sob o caos instalado, a reação dos sobreviventes aponta que as circunstâncias poderão ser transformadas humanamente, como diz a epígrafe marxiana situada na abertura de *Objecto quase*. No preciso momento do bombardeio planejado, no instante em que o oficial ia ordenar o contra-ataque, o microfone foge-lhes das mãos, assim como os aviões de guerra fazem uma curva apertada e insolitamente recuam bem no momento do primeiro ataque.

Tal recuo incitado pelas máquinas foi o ataque definitivo das coisas contra os utentes, assim ocorrendo com todas as outras máquinas de guerra alçadas no campo de batalha. Todo aquele paraíso artificial estava a ser engolido por uma reviravolta macrocósmica. Diante da cena do ataque falhado, depara-se o leitor com um desfecho misterioso em que, de repente, toda a cidade desaparece:

No lugar dela, a perder de vista, surgiu uma outra multidão de mulheres e homens nus, desentranhados do que fora a cidade. Desapareceram as peças de artilharia e de todas as outras armas, e os militares ficaram nus, rodeados pelos homens e pelas mulheres que antes tinham sido roupas e armas. Ao centro, a imensa nódoa escura da população da cidade. Mas também essa, no instante seguinte, se metamorfoseou e multiplicou. A planície tornou-se subitamente clara quando o Sol nasceu. Foi então que do bosque saíram todos os homens e mulheres que ali se tinham escondido desde que a revolta começara, desde o primeiro oumi desaparecido. E um deles disse: - Agora, é preciso reconstruir tudo. E uma mulher disse: - Não tínhamos outro remédio, quando as coisas éramos nós. Não voltarão os homens a ser postos no lugar das coisas (SARAMAGO, 1994, p. 103).

O não, grifado por nós, tão importante nesse conto quanto o não acrescentado pelo personagem Raimundo Silva sobre a *História do cerco de Lisboa*, revela-nos o ponto crucial da transformação encenada no desfecho do conto: representa-se uma comunidade em que as pessoas “NÃO voltarão [...] a ser postos no lugar das coisas”. Ou seja, retomamos ao estágio em que as relações humanas não se encontram mais reificadas, fora, portanto, das relações de exploração da força de trabalho e da transformação do valor de uso em valor de troca, de mercadoria em dinheiro.

Como se vê, um final breve, mas esperançoso, a apagar do mapa as circunstâncias desumanas a que estavam submetidos os “cidadãos utentes” e a proclamar a urgência de

“reconstruir tudo”, ou seja, de “formar as circunstâncias humanamente”, como propõe o final da epígrafe de Marx e Engels. Sobre o desfecho do conto, questiona Silveira: “Já que os insurretos e emboscados adãos e evas se contrapõem tão consciente e politicamente aos alienados “cidadãos utentes” [desde que a revolta dos oumis se iniciara], por que, só no epílogo, retirá-los de mágica cachola, quer dizer, cartola?” (SILVEIRA, 2012, p. 86).

Ainda é possível questionar onde se encontram exatamente os seres humanos nus nessa cena supracitada? Quem são eles, na verdade? Para Silveira, são “todos e ninguém” (SILVEIRA, 2012, p. 86), apesar de achar haver “um cabeça, pois isto não são movimentos que se organizem por si mesmos, como uma geração espontânea” (SILVEIRA, 2012, p. 86). Sobre isso nos aponta contrariamente as páginas do *Ensaio sobre a lucidez* (2004), publicado por Saramago vinte e seis anos depois de “Coisas”, a sugerir-nos que a transformação embrionária estava já manifestada naquela narrativa de 1978, sob a ideia de uma resistência gerada espontaneamente. Em outras palavras, é como se diz no citado *Ensaio*, “cada um decidiu por sua conta e a sós com sua consciência, não são de sua fé de qualquer convocatória vinda de cima nem palavra de ordem que fosse preciso aprender de cor” (SARAMAGO, 2004, p. 166).

Surge então uma comunidade natural e espontânea em que todos se mostram despidos das antigas funções que faziam funcionar a circulação de mercadorias, como as armas e as roupas. Caso contrário, não seriam uma “coletividade de renascentes adãos e evas, genealógica árvore de nova espécie humana” (SILVEIRA, 2012, p. 84). Em nossa hipótese de leitura, para representar essa coletividade espontânea, Saramago, além de aproveitar noções marxianas como “mercadoria”, “dinheiro” ou “função social da mercadoria excluída”, muito provavelmente usufruiu da noção de “comunidade natural-espontânea”, utilizada por Karl Marx (2013) para caracterizar a cena da revolução dos oumis, tomando por base a anterior relação de alheamento [*Fremdheit*], sob a qual as sociedades pré-capitalistas necessitavam apenas se confrontar tacitamente como proprietários privados das coisas alienáveis.⁷

Nesse sentido, Saramago se aproveita do pensamento de Marx para refletir e representar tal estágio revolucionário, raramente vivido pelos movimentos socialistas e também pouco explorado pelo pensador alemão, que afirma que as relações de mercadoria

[...] não existem para os membros de uma comunidade natural-espontânea, tenha ela a forma de uma família patriarcal, uma comunidade indiana antiga, um Estado inca etc. A troca de mercadorias começa onde as comunidades terminam: no ponto

⁷“Entretanto, o interesse de Marx parece ter-se concentrado na luz que Maurer e outros lançaram sobre a comunidade camponesa primitiva, mais do que na servidão, enquanto Engels, ao que tudo indica, desde o começo interessou-se por este último aspecto também, apresentando a servidão com base em Maurer, em seu texto O MARCO (escrito em 1882). [...] Evidencia-se que o interesse de Marx no tema cresceu no fim de sua vida, quando os problemas da Rússia passaram a preocupá-lo cada vez mais” (HOBSBAWN, 1985, p. 25-26).

de seu contato com comunidades estrangeiras ou com membros de comunidades estrangeiras. A partir de então, as coisas que são mercadorias no estrangeiro também se tornam mercadorias na vida interna da comunidade. [...]. Desse momento em diante, confirma-se, por um lado, a separação entre a utilidade das coisas para a necessidade imediata e sua utilidade para a troca. Seu valor de uso se aparta de seu valor de troca (MARX, 2013, p. 131).

Observemos, nesse ponto, que o aproveitamento literário promovido por Saramago ocorre de forma invertida em relação ao pensamento marxiano, pois, enquanto em Marx “a troca de mercadorias começa onde as comunidades terminam”, a exemplo das comunidades antigas supracitadas, para o ficcionista português a troca de mercadoria termina quando se inicia uma nova comunidade natural-espontânea. Em nossa leitura, trata-se essa inversão de processo de uma tentativa de Saramago representar um ainda desconhecido momento pós-revolucionário ou mesmo um percurso pós-capitalista, aproximando-se, com essa estratégia, das breves cenas contidas no fim do conto “Coisas”, no final de *A jangada de pedra*, no final de *Ensaio sobre a cegueira*, entre outros desfechos ficcionais promovidos pelo autor.

Sendo o conto o seu primeiro laboratório de revoluções, ou seja, sua primeira experiência efetiva de representar ficcionalmente momentos revolucionários e pós-revolucionários, Saramago nos oferece, em “Coisas”, a estrutura, ou melhor, o esqueleto de tais incipientes cenas de transformação social, que surgem para perturbar “as fronteiras entre o humano e sua reificação forçada – ou, [...], todo um mundo orgânico que se pode entrever no aparente estatismo inerte e desvitalizado dos objectos; ocupa-se justamente de um processo de mutação dos homens em objectos, e vice-versa, terminando com a inevitável lição humanista de reconstrução: [...]” (SEIXO, 1999, p. 27).

A princípio, o final do conto se aproxima da história antiga, tendo em vista a transformação de uma cidade ultratecnológica em uma cidade baseada na propriedade da terra e na agricultura, como Roma que começou a se expandir a partir de uma comunidade de camponeses. Mas, a “comunidade natural-espontânea” considerada por Marx não se trata, inteiramente, de uma comunidade igualitária, como passou a representar Saramago no desfecho de suas obras, tendo em vista o desenvolvimento tribal, juntamente com os casamentos e as conquistas que foram diferenciando os grupos (MARX, 1985). Em todo caso, no conto “Coisas”, vimos que o narrador parte da diferenciação social imposta no paraíso tecnológico capitalista, onde se distingue os grupos humanos por letras, até chegar em seu final, em que esse cenário é transformado pela comunidade espontânea representada por personagens nus.

Em síntese, mostram-se significativas as cenas revolucionárias do final do conto que foram aqui sucintamente analisadas, visto que expõem um processo ruptural apenas bre-

vemente representado porque seu autor nunca vivera tal experiência revolucionária de fato: após quatro anos de revolução, Portugal parecia ainda estar longe de qualquer característica de uma comunidade não mercadológica, uma “comunidade natural-espontânea”. Se após o 25 de Abril, com a ampla luta dos operários e camponeses, melhoraram inicialmente as condições de trabalho, por outro lado, permanecera “aberta ou encapotada a política de defesa do capitalismo praticada por sociais-democratas declarados ou de máscara ‘socialista’, a par da sabotagem econômica sistemática das forças mais reacionárias, que de novo [faziam] agravar os problemas do desemprego” (CUNHAL, 1976, p. XVI-XVII).

O estabelecimento de um estatuto de verossimilhança em “Coisas”, como se pôde perceber, é fundamental para o desenvolvimento do seu plano fantástico, elemento que, como o amor, incita seres e preenche objetos de vida, posicionando-os insolitamente no cerne das revoluções. Insolitamente porque, para Marx, a realidade estava e ainda está longe de atingir um patamar revolucionável em seus meios de produção e em suas relações humanas. Diante disso, o ficcionista português, como que levantado do chão, enfrenta essa dura e prolongada conjuntura por meio da literatura, pois com ela salienta também as relações problemáticas instituídas entre linguagem e realidade. Só assim, o conto “excede a linguagem para transcender o real admitido” (SIQUEIRA, 2018, p. 114).

Em nossa leitura, é justamente esta a pedra de toque que José Saramago aprofundará nos desfechos de *A jangada de pedra* (1986) e *Ensaio sobre a cegueira* (1995), comparações que deixaremos para uma outra oportunidade de estudo. Mas podemos afirmar, desde já, que a anedota desenvolvida nesses romances, tal e como a de “Coisas”, surpreende pela simplicidade e brevidade da transformação humana e social representadas, saindo de um estágio de opressão das coisas, para as coisas e pelas coisas, operações que transparecem, no conto analisado, a tensão do poder simbolizado na relação dos humanos com os objetos e a própria natureza, afastando-se, ambos, de sua própria existência. Por fim, o conto nos deixa claro que a relação exploratória que se dá entre homem e trabalho no modo de produção capitalista advém da separação do homem da natureza, afastamento que é desfeito em seu final, reintegrando o ser humano a uma espécie de estado edênico, o que acaba por provocar uma passagem de uma fase fetichizada para uma fase desfetichizada.⁸

Seguindo a linha reflexiva de Marx, no conto “Coisas”, a maquinaria não é, apenas, responsável por aprisionar os trabalhadores, mas também para libertar os trabalhadores de seu estado reificado, pois “As contradições e os antagonismos inseparáveis da utiliza-

⁸ Trata-se, no fundo, do “[...], enigma do dinheiro [que] não é mais do que o enigma do fetiche da mercadoria, que agora se torna visível e ofusca a visão” (MARX, 2013, p. 134) dos utentes, para, no final do conto, despir-se desse ofuscamento ou dessa cegueira a partir da revolta dos “oumis”.

ção capitalista!” (MARX, 2013, p. 341). No conto de Saramago, é possível observar um outro modo de utilização da maquinaria que não o modo capitalista: “A exploração do trabalhador pela máquina [ou melhor pelas coisas] é, a seu ver, idêntica à exploração da máquina [ou das coisas] pelo trabalhador” (MARX, 2013, p. 342), reformulando, assim, as circunstâncias humanamente.

Referências

CARVALHO, Mário Vieira de. Entrevista a José Saramago. *Diário de Lisboa*, 1 de junho de 1978, p. 10-11.

CUNHAL, Álvaro. Contribuição para o *Estudo da Questão Agrária*. Lisboa: Avante!, 1976, v. 1.

HOBBSBAWN, Eric. Introdução. In: MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-capitalistas*. 4.^a ed. Trad. João Maria. Paz e Terra, 1985, pp. 13-64.

MARX, Karl. *Formações Econômicas Pré-capitalistas*. 4.^a ed. Trad. João Maria. Paz e Terra, 1985.

MARX, Karl. *O Capital*. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013, v. 1.

MAXWELL, KENNETH. *O império derrotado: revolução e democracia em Portugal*. Trad. Laura T. Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PAPKE, Isabela Padilha; SILVA, Mateus Roque da. Embargo às coisas: alegoria, alienação e marxismo em José Saramago, *Revista Galo*, n. 6, p. 105-119, 2022.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote I*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SARAMAGO, José. *Objecto quase*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a lucidez*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SEIXO, Maria Alzira. Recensão crítica a ‘Objecto quase’, de José Saramago, *Colóquio/Letras*, n. 49, p. 77-79, maio de 1979.

SILVA, Vera Lopes da. Ensaio sobre a Cegueira e Ensaio sobre a Lucidez: estética e engajamento promovidos por José Saramago. In: NOGUEIRA, Carlos (org.). *José Saramago: A Escrita Infinita*. Lisboa: Tinta-da-China, 2022, p. 17-40.

SILVEIRA, Francisco Maciel. *Exercícios de caligrafia literária: Saramago quase*. Curitiba: CRV, 2012.

SIQUEIRA, Ana Marcia. A linguagem fantástica em “Coisas” – a rebelião necessária, *Abril*, Niterói, v. 10, n. 20, p. 109-125, 2018.

VEIRA, Joaquim. *José Saramago: Rota de Vida – Uma Biografia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2018.